



# APRESENTAÇÃO

Olá! Espero que esteja bem. Sei que não foi fácil chegar até aqui. Enfim, alcançou o Ensino Superior ou o início de uma segunda graduação. O conhecimento, realmente, é uma grande dádiva e você deve aproveitar muito bem o seu precioso tempo para angariar novas conquistas.

Nesta disciplina não será diferente. Conhecimentos vários serão transmitidos e, na medida das interações previstas com seu tutor e colegas, você também terá a oportunidade de transmitir os saberes já adquiridos por meio de suas vivências e aprender, com base nas novas informações, direcionamentos importantes para a sua caminhada acadêmica.

Essas interações, inclusive, exemplificaram muito bem o que se propõe neste curso, “Comunicação e Expressão”, que ora é matéria de sua atenção por meio dessa leitura. Compreender o papel comunicativo e as formas de expressão no exercício de sua posição estudantil no Ensino Superior é o que se propõe de forma geral.

Aproveite as sistematizações oferecidas e todo o material complementar indicado, a cada unidade, para as interações já mencionadas, praticando o que consta nesta disciplina, como forma de continuidade e ampliação de seus estudos.

Ao final desta unidade, você deverá ser capaz de:

- compreender as estratégias de leitura,
- descrever os níveis de leitura;
- empregar as estratégias de leitura no processo de seleção, crítica e interpretação do texto lido.

Bons estudos!

# CONHEÇA O CONTEUDISTA

## Alessandro Campos Piantino

Possui graduação em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas, especialização em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância e em Linguística Textual, bem como Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília. Atualmente é professor do Centro Universitário Icesp de Brasília, membro do Núcleo de Avaliação, Qualidade e Estratégia da Rede Soebras de Ensino, Professor e Coordenador da área de Linguagens e Códigos de uma Rede Educacional Privada do Distrito Federal na modalidade do Ensino Básico. Tem experiência na correção de Redações do Enem e de diversos concursos e vestibulares.

# UNIDADE 3

## Olá ser iluminado!

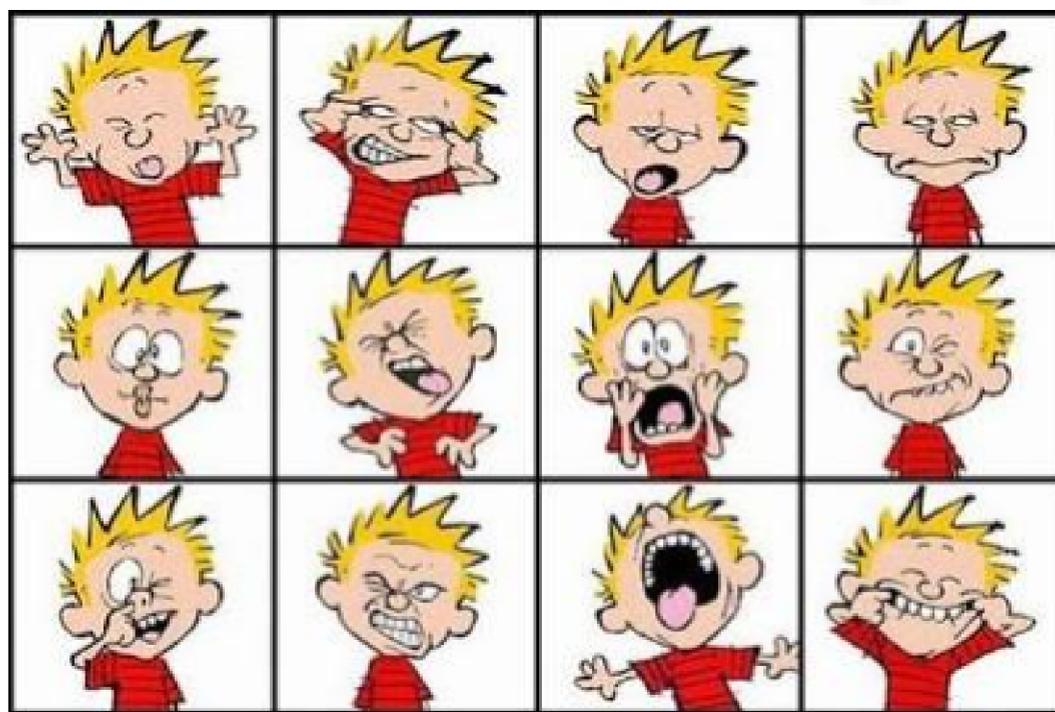
É um prazer compartilhar com você mais uma vez alguns conhecimentos. Na última aula, falamos sobre algumas escolhas que devemos fazer para estabelecermos uma comunicação, vimos que para escolhermos uma variante que seja adequada para um determinado contexto, é necessário compreendermos os níveis de linguagem. E hoje sei que, a partir dessas reflexões, você tem condições de monitorar as relações contextuais e fazer as devidas adequações, por meio de estudos, para a efetivação do processo comunicativo, principalmente, na academia.

Por falar em exigência, observei nesta semana em uma sala de aula um aviso proibindo o uso do celular. E comecei a rir, não do aviso, mas da exigência conferida ao receptor dessa mensagem. Apesar de já respaldada em lei em algumas regiões do país, como, por exemplo, no Distrito Federal, a partir da Lei n; 4.131, de maio de 2008, e a proibição versar sobre o uso não pedagógico, seria cômico imaginar a situação dos meus alunos se a eles fosse imposta a ação contida nesta imagem.



## COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Seria realmente engraçado, e tentador! Como os meus alunos do ensino superior reagiriam? Provavelmente teriam uma crise de abstinência. Ficariam com algumas dessas expressões interpretadas por Calvin.



<http://jboscocartuns.blogspot.com.br/2010/11/01/archive.html>

Claro que, em função do contexto atual, é difícil até de imaginar uma ação de recolhimento de aparelhos eletrônicos de telefonia celular, pois o uso dessa tecnologia está vinculado às várias necessidades pessoais, profissionais e educacionais. De todo modo, é proveitoso o assunto para uma reflexão: como seria a sua comunicação sem o celular? Sabemos que hoje o celular não possui somente o recurso telefônico de antes. Inclusive, as ligações telefônicas são, muitas vezes, pouco utilizadas em razão da infinidade de recursos comunicacionais presentes nos *Smartphones*.



**X**



Fonte: <http://www.mundowalmart.com.br/a-evolucao-do-telefone-apos-146-anos-de-historia/> <acesso em 09/09/14 às 16:00>

Imagine seus avôs com este aparelho, bem maior que o celular, em sala de aula! Outra situação engraçada. A questão é: hoje o celular é utilizado também para se conectar à rede, pesquisar, interagir, transmitir mensagens, capturar imagens, produzir vídeos, ver vídeos, escrever textos, fazer leituras, entre muitas outras funções. Contudo, o uso não orientado dessa ferramenta comunicacional parece estar acelerando alguns processos de tal modo a não angariar proveito para a aprendizagem, dentre eles, a leitura.

Sobre isso, Castro (2002, *apud*. DIDIO, 2013) articula uma possibilidade que faço questão de citar:

Parece haver uma estratégia errada no ensino da leitura. Os alunos se contentam com uma compreensão superficial do texto. Satisfeitos, passam a divagar sobre o que pensam, sobre o que o autor poderia estar pensando, sobre o que evoca o texto. Mas isso tudo ocorre, antes de acabarem de processar cognitivamente o texto, de decifrá-lo segundo os códigos rígidos da sintaxe. Dispara a imaginação, trava-se a cognição.

Nesse sentido, a capacidade leitora, muito embora seja uma habilidade a ser conquistada na escolarização, está relacionada dentre as dificuldades encontradas pelo estudante do ensino superior, com relação à apreensão do conhecimento a partir dela. E uma das causas é exatamente o exercício superficial da leitura. Apesar de haver não uma, mas várias razões para a superficialidade do ato leitor, supõe-se que seja um hábito conquistado nos últimos tempos com o advento da internet. A operacionalização da quantidade de informações, dispostas nos dispositivos móveis, requer agilidade. No entanto, o que se vê é uma agilidade sem orientação estratégica para a devido entendimento do que se lê.

Para Didio, o objetivo da leitura de um texto consiste em “capacitar o leitor a compreender bem um texto, ou seja, apreender com total exatidão seu verdadeiro sentido” (DIDIO, 2013, p. 118). O que seria, então, “compreender bem um texto”? É para essa autora e outros estudiosos, como Faulstich, um acompanhamento do processo leitor por níveis e técnicas.

E sobre os níveis que tanto necessitamos na academia, Faulstich (2011, p.13), disserta o seguinte:

Leitura pressupõe busca de informação. Por isso é importante escolher bem o texto para ler. Para que o leitor se informe é necessário que haja entendimento daquilo que ele lê. Há textos cujo assunto é inteiramente inteligível ao leitor, como os jornais, revistas não especializadas etc. Há outros, porém, que a pessoa tenta ler, já sabendo, a princípio, que não entende completamente seu conteúdo. Neste último caso o leitor deve estar predisposto a superar essa dificuldade.

A desigualdade de entendimento se manifesta principalmente quando se tem de ‘mergulhar’ numa leitura criteriosa de texto técnico. Ocorre que ou se lê um texto dessa natureza como se estivesse lendo um periódico descritivamente, ou se tenta ler visando a um entendimento, sem saber, muitas vezes, como proceder para não perder tempo, sem saber a que cânones obedecer.

Essa atitude leitora, ao se pretender superar as dificuldades, deve seguir duas categorias, sendo a primeira subdividida em mais duas:

- LEITURA INFORMATIVA
- SELETIVA
- CRÍTICA
- LEITURA INTERPRETATIVA

E para melhor compreendê-las, seguem alguns conceitos descritos por Faulstich (2011):

**Leitura seletiva** - se efetiva no momento em que o leitor sabe escolher as ideias pertinentes que complementam o ponto de vista do autor. (p.14)

**Leitura crítica** - exige do leitor uma visão abrangente em torno do assunto que está sendo focalizado. É necessário, pois, que se faça uma pré-leitura do material a ser analisado para, então, estabelecer-se a diferença entre a sucessão das ideias principais, contidas nas sentenças-tópico [...]. Ler criticamente significa reconhecer a pertinência dos conteúdos apresentados, tendo como base o ponto de vista do autor e a relação entre este e as sentenças-tópico. Essa pertinência é que permite estabelecer-se uma hierarquia entre a ideia mais abrangente e as que a subsidiam. (p.19 e 20)

**Leitura interpretativa** - requer total domínio da leitura informativa. [...] Entender um texto é compreender claramente as ideias expressas pelo autor para, então, interpretar e extrapolar essas ideias. (p.24 e 25)

Sobre o “extrapolar” dessas “ideias”, Faulstich (2011) considera ainda as capacidades cognitivas propostas por Benjamin Bloom (1973) descritas no quadro a seguir, juntamente, com algumas reflexões que devem fazer sobre o ato leitor:

Compreensão	é a capacidade de entender a mensagem literal contida em uma comunicação. Em um primeiro momento, deve o leitor ater-se ao ponto de vista do autor, à tese que o autor defende no texto. (p.25)	Que tese é defendida no texto?
Análise	é a capacidade de decompor um todo em suas partes, partindo das sentenças-tópico dos parágrafos e suas relações com o texto. ( p. 26)	Quais as partes constitutivas do texto?
Síntese	é a capacidade de colocar em ordem os pensamentos essenciais do autor, utilizando-se das sentenças-tópico dos parágrafos. (p.26)	Qual a síntese ideal deste texto?
Avaliação	é a capacidade de emitir um juízo de valor e de verdade a respeito das	As ideias essenciais do texto merecem crítica? Positiva? Negativa?
	ideias essenciais de um texto. (p.26)	
Aplicação	é a capacidade que nos garante ter entendido o assunto e nos permite projetar novas ideias a partir dos conhecimentos adquiridos. (p.27)	Em que outro(s) contexto(s) podem ser aplicadas as ideias essenciais do texto?

Já Didio (2013) descreve algumas técnicas. E sobre algumas dessas técnicas, que nomearei de “estratégias de alcance para os níveis de leitura”, pretende-se fazer utilizar para alcançar os níveis de leitura propostos por Faulstich (2011). São elas:

- ESTRATÉGIAS DA SOBRINHA
- ESTRATÉGIAS DO ESQUEMA

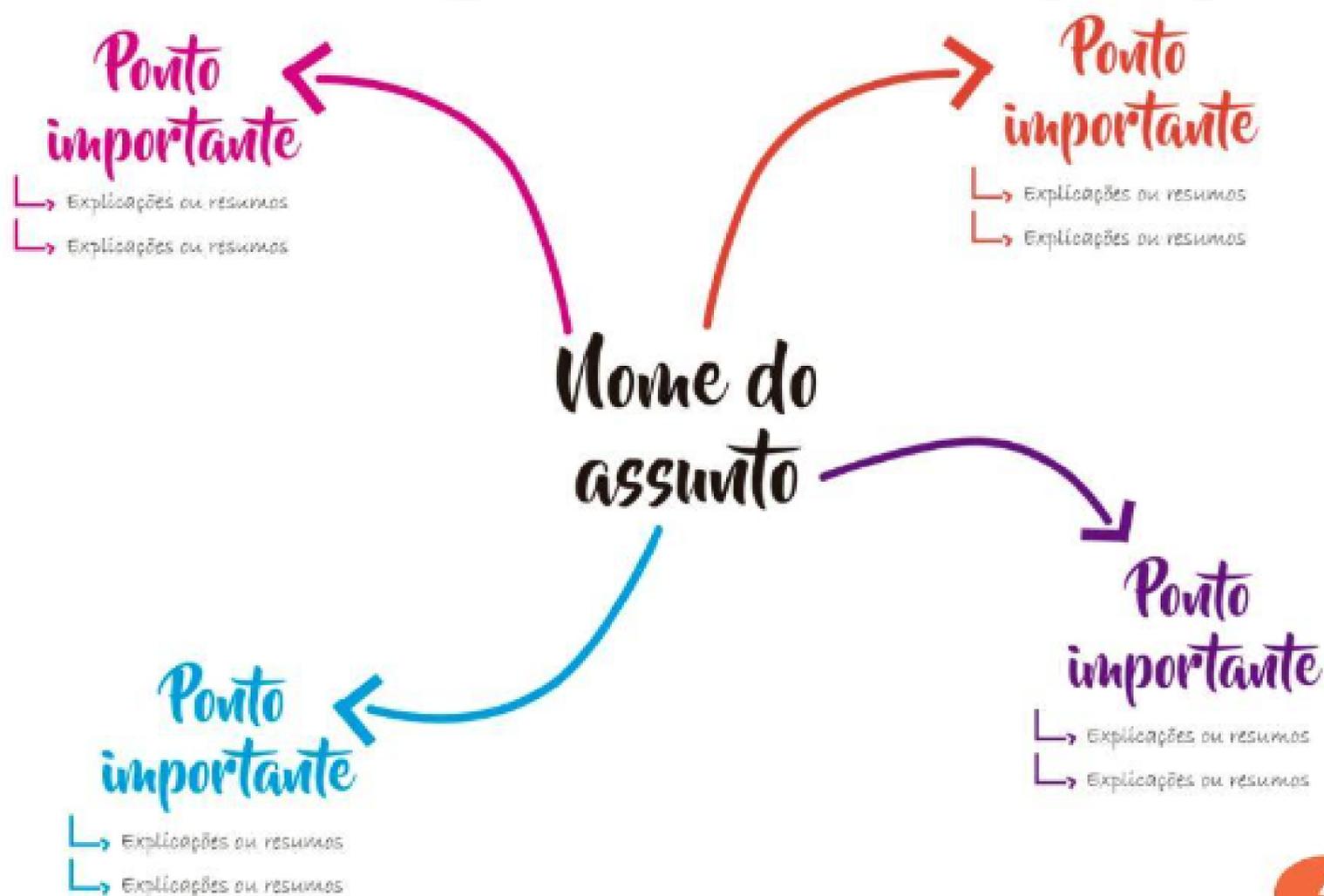
## COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

A estratégia de "SUBLINHA" consiste em, num determinado texto (artigo, obra etc.), traçar uma linha por baixo de palavras, de expressões ou de frases, consideradas essenciais pelo leitor" (DIDIO, 2013, p. 123). Desse modo, levando em conta que para Faulstich (2011) importa a sucessão de ideias principais (sentença-tópico) de cada parágrafo, vale você utilizar a estratégia de sublinhar para traçá-las, algo que veremos com maior detalhamento em outra unidade.

Sobre o que se entende por esquema, Didio (2013) afirma:

Todo texto (ou obra) tem um esqueleto, arcabouço ou plano oculto, que subjaz à estrutura textual. É essencial para a inteligência de qualquer texto apreender-lhe tal esqueleto. Na verdade, esquematizar um texto é ser capaz de reproduzir-lhe o plano, com sua estrutura hierarquizada de informações. (p. 128)

Esse esqueleto do texto é para o escritor algo prévio, também veremos em outra unidade. Contudo, o que se julga aqui enfatizar é a capacidade leitora de perceber esse esquema durante o processo de leitura. Cabe ao leitor, a partir dos traçados realizados por meio da estratégia da sublinhar, desenhar o esqueleto do texto, como o que se faz em Mapas Mentais e/ou Mapas Conceituais.



Disponível em: <https://geekiegames.geekie.com.br/blog/como-fazer-um-mapa-mental/> Acesso em 17/02/22.

**mapa mental**

**Para que serve!**

- Condensar as informações que precisam ser fixadas e memorizadas;
- sistematizar dados e informações;
- organizar o pensamento.

**Como elaborar?**

- Defina o tema central e uma imagem para ilustrá-lo;
- defina os subtítulos do tema central;
- conceitue cada subtítêm;
- procure explorar cores, imagens e outros recursos que ajudem a sua memória.

**Como usar em revisões!**

Os mapas mentais funcionam como uma revisão rápida e clara dos principais elementos de um conteúdo, mesmo que você os acesse depois de muito tempo. Por isso, são bastante indicados para um pré-TPS.

**Alguns aplicativos**

Mindmeister, Coggle, Mind Note, Lucid Chart, Xmind 8, Bubbl, MindManager, miMind, Mindmap Maker, SimpleMind.

@raquelmomedeiros

Disponível em: <https://ideg.com.br/wp-content/uploads/2021/08/WhatsApp-Image-2021-08-13-at-16.59.37.jpeg> Acesso em 17/02/22

# CONCLUINDO A UNIDADE



Vimos nessa unidade que, com o advento da internet, novos hábitos surgiram. Por que se ampliou a quantidade de informações e a velocidade com que circulam, o leitor se vê na necessidade de também acelerar sua capacidade de decodificação das mensagens. No entanto, o resultado dessa operação, muitas vezes, é a superficialidade da leitura, ao ponto de não se compreender bem o texto.

Nesse sentido, para se compreender bem, deve-se considerar que há níveis para se alcançar um bom entendimento do texto, passando por uma leitura informativa até chegar na interpretativa. E que para se alcançar esses níveis, importa pensar em estratégias. Dentre várias encontradas na literatura, foram apresentadas as estratégias de sublinhar e esquema.

Nas próximas unidades, veremos mais de perto essas estratégias, a partir do conceito e estruturação do parágrafo até a formação do texto em um todo significativo: a textualidade. Até a próxima!

# DICA DO PROFESSOR



Os mapas mentais e os mapas conceituais são ótimas representações do pensamento para a concepção de um projeto de texto, por exemplo, antes de qualquer escrita. No entanto, mesmo que não na função de escritor, mas de leitor, concebe-se também essas estratégias na decodificação das mensagens através da leitura dos registros escritos, alcançando uma boa leitura informativa e interpretativa, além, é claro, de potencializar a memorização das relações e conceitos.

Dito isso, qual é, então, a diferença entre mapa mental e mapa conceitual? Como fazer? Assista ao vídeo e até a nossa próxima unidade.

<https://youtu.be/Ybl8OQBpajc>

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 1 (Unicamp-SP, com modificações)

Para Castro (2002, apud. DIDIO, 2013):

*Parece haver uma estratégia errada no ensino da leitura. Os alunos se contentam com uma compreensão superficial do texto. Satisfeitos, passam a divagar sobre o que pensam, sobre o que o autor poderia estar pensando, sobre o que evoca o texto. Mas isso tudo ocorre, antes de acabarem de processar cognitivamente o texto, de decifrá-lo segundo os códigos rígidos da sintaxe. Dispara a imaginação, trava-se a cognição.*

Nesse sentido, a capacidade leitora, muito embora seja uma habilidade a ser conquistada na escolarização, está relacionada dentre as dificuldades encontradas pelo estudante do ensino superior, com relação à apreensão do conhecimento a partir dela. E uma das causas é exatamente o exercício superficial da leitura. Apesar de haver não uma, mas várias razões para a superficialidade do ato leitor, supõe-se que seja um hábito conquistado nos últimos tempos com o advento da internet. A operacionalização da quantidade de informações, dispostas nos dispositivos móveis, requer agilidade. No entanto, o que se vê é uma agilidade sem orientação estratégica devido ao entendimento do que se lê.

Nessa perspectiva, está correto o que se afirma em:

- A) A leitura superficial possibilita um bom aproveitamento do conteúdo lido, sendo assim, uma boa forma de se ler.
- B) A capacidade leitora ajuda a desenvolver também a capacidade interpretativa e crítica do estudante sobre diversos aspectos.
- C) A leitura por dispositivos móveis é muito aconselhada por especialistas por favorecer a concentração e o fortalecimento das memórias de leitura.
- D) Os dispositivos móveis, embora sejam invenções importantes dos avanços da comunicação, só limitaram a qualidade leitora e interpretativa.
- E) A capacidade de compreensão estratégica adquirida por meio da leitura não pode ser de modo algum aplicada na leitura por meio de dispositivos móveis.

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



## Questão 2

Para Didio, o objetivo da leitura de um texto consiste em “capacitar o leitor a compreender bem um texto, ou seja, apreender com total exatidão seu verdadeiro sentido” (DIDIO, 2013, p. 118). O que seria, então, “compreender bem um texto”? É para essa autora e outros estudiosos, como Faulstich, um acompanhamento do processo leitor por níveis e técnicas.

E sobre os níveis que tanto necessitamos na academia, Faulstich (2011, p.13), disserta o seguinte: Leitura pressupõe busca de informação. Por isso é importante escolher bem o texto para ler. Para que o leitor se informe é necessário que haja entendimento daquilo que ele lê. Há textos cujo assunto é inteiramente inteligível ao leitor, como os jornais, revistas não especializadas etc. Há outros, porém, que a pessoa tenta ler, já sabendo, a princípio, que não entende completamente seu conteúdo. Neste último caso o leitor deve estar predisposto a superar essa dificuldade. A desigualdade de entendimento se manifesta principalmente quando se tem de ‘mergulhar’ numa leitura criteriosa de texto técnico. Ocorre que ou se lê um texto dessa natureza como se estivesse lendo um periódico distrativamente, ou se tenta ler visando a um entendimento, sem saber, muitas vezes, como proceder para não perder tempo, sem saber a que cânones obedecer.

Sendo assim, é possível afirmar que:

- A) Quando se lê, procura-se sobretudo ratificar uma informação já conhecida.
  - B) A leitura de textos técnicos só se faz ser mediada por especialistas sobre o tema.
  - C) Quando um leitor desconhece o tema de um texto, não se deve fazer a leitura do respectivo texto.
  - D) A leitura favorece a abertura de novas possibilidades de conhecimento.
  - E) Ler é um exercício complexo que exige a associação de diversas estratégias.
- Um bom leitor sempre lê um texto uma única vez.

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



## QUESTÃO 2

Observe a imagem para responder à questão.



Com base na imagem, pode-se afirmar que a:

- A) para saber ler é fundamental o uso de tecnologias digitais.
- B) representação da leitura é ilustrada pelo livro aberto e pelo alfabeto, que são objetos visíveis.
- C) escrita compreensível segue regras como escrever do início ao fim de uma linha e iniciar o parágrafo com um espaço.
- D) imagem ilustra a dificuldade na leitura que está representada pelas letras do alfabeto expostas de maneira bagunçada.
- E) tecnologia atrapalha o desenvolvimento da leitura de crianças e adolescentes nas escolas.

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



Questão 4 (Feevale, com modificações)

A arqueologia da leitura

Leitura está na moda, e informação está em pauta.

Há mais de vinte anos, a leitura e seus arredores entraram em todas as agendas: a agenda política, a educacional, a acadêmica.

Na agenda política, sucessos e falências da educação são a ela creditados. Na agenda acadêmica, ela é responsável por significativa renovação de várias áreas das ciências humanas, entre as quais se destacam os estudos literários, os estudos linguísticos, a história, a educação, a antropologia.

Quer como processo mental, quer como ação individual e voluntária, quer ainda como prática coletiva, leitura, livros e leitores inspiraram pesquisas de natureza histórica, de perspectiva teórica, de recorte metodológico. Simultaneamente a esse alargamento do panorama no qual se inscrevem questões de leitura, a expressão “informação” também invade diferentes horizontes. A partir das últimas décadas do século XX, fala-se em era da Informação, em sociedade da Informação.

É muito sugestivo que informação e leitura convivam.

Da sua parte, a noção de informação também comparece a expressões como código e informação genética para se referir a ocorrências intracelulares, responsáveis pela guarda e transmissão de traços genéticos que vão determinar do sexo à cor dos olhos e... sabe-se lá o que mais!

O que significa estes e outros contextos nos quais a palavra informação ocorre é a ideia de troca de mensagens — vale dizer, a ideia de linguagem.

A linguagem humana é o mais universal veículo de informação de que se tem notícia: todos os demais sistemas de informação foram criados a partir dela ou a ela recorrem para tornarem-se inteligíveis. Sua capacidade informacional torna-a ponto convergente de inúmeros aspectos da vida das pessoas: organização política, crenças e cerimônias religiosas, manifestações artísticas, expressão de sentimentos, registro de conquistas, autoconhecimento — e todo o resto! — passam por ela.



Se a linguagem é traço universal do humano, suas manifestações distendem-se ao longo de um arco muito extenso. São inúmeras as línguas, e cada uma delas constitui uma forma original de transcrever o mundo, o dentro e o fora do homem. Além da pluralidade de línguas, são igualmente inúmeras as maneiras pelas quais a humanidade transmite informação: da sonoridade dos tambores que enviam mensagens ao traço na pedra que registra a substituição de um chefe por outro; do “sim” com que os noivos aceitam um ao outro ao contrato que registra a compra de um imóvel, tudo é linguagem.

De toda essa rede de linguagem na qual se desenrola a vida dos homens e das mulheres que habitam a face da Terra, é a expressão verbal que ocupa a base da pirâmide, pois modela a compreensão dos demais tipos de comunicação e informação. É como discurso que interpretamos o modo de existir dos seres animados, e mesmo os objetos inanimados podem passar pelo filtro das palavras. A modalidade oral está disseminada entre todos os grupos humanos, e é à imagem dela que a escrita procura construir-se e instituir-se. Na outra ponta, localiza-se a leitura, que, como recepção, é igualmente audição, de todo modo interação entre sujeitos falantes.

(Texto adaptado de: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. A arqueologia da leitura. In: \_\_\_\_\_. Das tábuas da lei à tela do computador. A leitura em seus discursos. São Paulo: Ática, 2009, p. 17-22).

Sobre o texto, avalie as asserções a seguir e a relação proposta entre elas.

I. O ser humano caracteriza-se pelo emprego da linguagem, o que compreende a existência de inúmeras línguas, por meio das quais ele se expressa.

PORQUE

III. O emprego da linguagem verbal é o mais importante sistema de comunicação do ser humano, uma vez que serve de modelo para outros tipos de linguagem.

É correto o que se afirma em:

- A) As asserções I e II são proposições verdadeiras, e a II é uma justificativa correta da I.
- B) As asserções I e II são proposições verdadeiras, mas a II não é uma justificativa correta da I.
- C) A asserção I é uma proposição verdadeira, e a II é uma proposição falsa.
- D) A asserção I é uma proposição falsa, e a II é uma proposição verdadeira.
- E) As asserções I e II são proposições falsas.

# EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO



## Questão 5

Leitura seletiva - se efetiva no momento em que o leitor sabe escolher as ideias pertinentes que complementem o ponto de vista do autor. (FAULSTICH, 2011, p.14).

Leitura interpretativa - requer total domínio da leitura informativa. [...] Entender um texto é compreender claramente as ideias expressas pelo autor para, então, interpretar e extrapolar essas ideias. (p.24 e 25)

Sobre o “extrapolar” dessas “ideias”, Faulstich (2011) considera ainda as capacidades cognitivas propostas por Benjamin Bloom (1973) descritas no quadro a seguir, juntamente, com algumas reflexões que devem fazer sobre o ato leitor: compreensão, análise, síntese, avaliação, aplicação.

Sendo assim, está correto afirmar que:

- A) A leitura seletiva se mostra mais importante do que a interpretativa por que esta implica em escolher ideias pertinentes ao tema.
- B) A leitura interpretativa se mostra mais apropriada que a seletiva porque esta não avança no domínio do conteúdo.
- C) As capacidades de análise, síntese e avaliação são adquiridas apenas por meio de uma leitura seletiva.
- D) As capacidades de análise, síntese, avaliação e aplicação são adquiridas por um exercício de leitura intensa em que se envolvam os diversos níveis de leitura.
- E) As capacidades de análise, síntese, avaliação e aplicação são adquiridas apenas por meio de uma leitura interpretativa.



# SAIBA MAIS

Para ampliar o seu conhecimento a respeito desse assunto, veja abaixo as sugestões do professor:

<https://youtu.be/PIZHvcomSoo?t=1287>

<https://youtu.be/2Qqi-TPyA-M>

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*DIDIO, Lucie. Leitura e produção de textos: comunicar melhor, pensar melhor, ler melhor, escrever melhor. São Paulo: Atlas, 2013.*

*FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. Como ler, entender e redigir um texto. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.*

# GABARITO

1) B

2) D

3) B

4) B

5) D